



A VIDA HUMANA — POR EICHTHAL.

O DESENHO de que a nossa gravura é cópia fiel, foi apresentado na exposição do Louvre, já n'este anno, e mereceu ser considerado com a maior distincção e apreço. Eis como o respectivo catalogo se exprime a seu respeito :

« Representar a vida é representar a actividade diversa, as relações mutuas dos dois sexos e das edades.

« O mancebo regressando da sua primeira viagem no mundo, larga a sua barca, e sobe a praia. O homem e a mulher, no periodo de maturidade, o esposo e a esposa, esperam-no de pé proximo do altar, e offerecem-lhe o pão e o vinho, symbolos antigos da abundancia. A mulher tem na mão esquerda o dia-

pasão, o homem a regua, fontes da harmonia e da medida. O ancião indica com um gesto ao mancebo o par no qual reside agora a vida no maior grau de desenvolvimento. A velha, com profunda emoção, espera o successor da geração que substitue a sua. A donzella, ainda protegida pela capa de sua avó, contempla com interesse e curiosidade o espectáculo que se lhe antolha. A paisagem reproduz o contraste que se dá na vida dos dous sexos. Do lado do homem vê-se o espaço sem limites, o oceano com todos os seus perigos; do lado da mulher, o valle com seu circumscripto horisonte, o bosque, a cidade, o tumulto. »

Outubro 2, 1852.

Esta descripção tão clara e concisa não deixa nenhuma duvida sobre o caracter do desenho. A scena que se nos offerece é o resumo *figurado* de uma doutrina philosophica sobre a vida humana, e particularmente sobre a familia: é um symbolo.

O desenho do sr. Eichthal, quando não fosse, como é, a expressão de uma grande idéa philosophica, teria ainda assim um valor real como obra de arte. Agrada á vista, antes de excitar a meditação. O typo das figuras é nobre; graciosas e correctas as attitudes; as physionomias tem um caracter grave e severo, temperado de serenidade, e de ternura; e tudo isto emoldurado em uma paizagem tão sobria como variada.

A composição symbolica do sr. Eichthal deve ser apenas considerada como o frontespicio de um livro em que a theoria ha de ser exposta com todos os seus desenvolvimentos. Nós não nos atrevemos, pois, mais que a indicar o que julgamos entrever.

Suppunhamos que um pintor pertendia dar uma idéa da constituição da familia nas primeiras edades da historia humana; é provavel que o seu quadro offerecesse pouco mais ou menos o aspecto seguinte: — Como figura principal, e sobrepujando todas as outras, vêr-se-ia um ancião exprimindo no porte e feições austeras a authoridade absoluta. Á sua direita, mas em posição inferior, estaria o seu primogenito, e os outros filhos, e irmãos d'este, todos inclinados em signal de humildade e de obediencia. Á esquerda, mas muito mais abaixo, vêr-se-iam representadas as mulheres, sem exceptuar a esposa do ancião, sentadas no chão, ou antes prostradas, resignando-se sem lutar ao dominio inflexivel do chefe da familia, e aceitando sem se queixar a inferioridade do seu sexo.

Tal foi com effeito a familia por espaço de muitos seculos. O pae tinha o direito de vida e de morte sobre os filhos. A esposa, comprada como uma escrava, ou uma serva, podia ser, a arbitrio do senhor, repudiada, repellida do seio da familia, expulsa de casa. Só o filho primogenito herdava a authoridade do pae. O nascimento de uma filha era considerado como uma desgraça ou uma infamia.

Insensivelmente foi-se modificando este sombrio quadro. A dominação paterna despiu o caracter de despotismo militar. A mulher rehabilitou-se. A protecção deixou de ser oppressiva; a submissão de ser abjecta; o medo de prevalecer sobre o amor; as relações, na familia e na sociedade, tornaram-se mais humanas e affectuosas.

Assim estudada, desde as suas origens até ao nosso seculo, a vida humana offerece uma serie de modificações que facilmente podiam ser representadas em quadros symbolicos analogos ao do sr. Eichthal. Estes quadros constituiriam d'este modo a historia philosophica da humanidade. Não é isto, de resto, suppor o que existe? não se encontraria esta historia se a quizessem procurar? A arte, tenha ou não consciencia da sua obra incessante, symbolisa, seculo por seculo, geração por geração, a marcha vagarosa, mas sempre progressiva, do genero humano.

Se bem comprehendemos o pensamento do sr. Eichthal elle não pertende indicar nem predizer modificações novas no seio da familia; propõe-se unicamente conhecer e interpretar as que o desenvolvimento natural da moral e dos costumes produziu.

A velhice amada, respeitada, honrada, superior pela sua larga experiencia, pelos seus beneficios, pelos seus direitos á gratidão, repousa, recorda, e espera. Benevolente e carinhosa, querida da infancia, ella anima com a sua approvação e fortifica com os seus conselhos as gerações que precedeu na vida.

A resolução e a actividade pertencem á idade madura. E então que a vida attinge o mais alto grau de desenvolvimento e de poder; relações mais numerosas e deveres mais difficeis impõem maior somma de responsabilidade. N'esta communhão activa de sabedoria e de amor, a esposa não tem um quinhão inferior ao do esposo; o seu papel é differente, mas não é menos util nem menos santo. Da harmonia das duas vontades dependem a moralidade e a ventura da familia.

A adolescencia, confiada e submissa, inicia-se, amando, nas severas provações do futuro. O constrangimento dos antigos tempos influe menos duramente sobre a alma do mancebo repleta de esperança. Com os olhos respeitadamente erguidos para esses entes que Deus poz no mundo para serem seus protectores e guias, toma alegre a vereda alumada pelo exemplo das suas virtudes.

Não terminaremos este artigo, que já vae longo, sem mencionar uma circumstancia que torna ainda mais notavel a composição copiada na nossa gravura.

O sr. Eichthal não é desenhador, nem pintor tão pouco; foi-lhe mister buscar dois artistas para lhe realisarem no papel o quadro que concebêra na mente; e conseguiram-no com a maior felicidade. Esta especie de collaboração é talvez um exemplo unico, no tempo presente, da maneira porque se sabe que um consideravel numero de pinturas foram executadas nas grandes epochas de fé, e mórmente na meia idade. Era assim que os religiosos faziam representar nas paredes dos claustros as imagens que se lhes affiguravam em suas meditações e extasis.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

INSTRUCCÕES DADAS AO COADJUTOR DE BERGAMO, NUNCIO EM PORTUGAL NO TEMPO DE D. JOÃO III.

«ITEM. Da Sé Apostolica dispendem-se em Portugal, a saber: de mestrados, bispados, mosteiros, e outros beneficios, logares religiosos e commendas de Rhodes, para mais d'um milhão d'ouro de renda, do qual quasi o total, ou por uma ou por outra via, póde dispor e dispõe de facto o mesmo papa.

«Item os bispados antigos e grandes não são do padroado real como alguém pensou, e todos os mosteiros são do provimento do papa, assim como a maior parte dos beneficios. E sómente são do padroado real alguns pequenos bispados novos nas regiões da India e em algumas ilhas, como o do Funchal, S. Thomé, S. Thiago e diversos. E os referidos mestrados e todos os outros beneficios o são por graça recente da Sé Apostolica. E posto que os papas muitas vezes costumam dar os ditos bispados a supplicas do rei, é todavia obra de mera liberalidade, porque quando quizeram fazer o contrario sempre o fizeram como verdadeiros padroeiros de todo o ecclesiastico d'aquelle reino.

«Item. Todas as abbadias de S. Bento, S. Bernardo e Santo Agostinho de conegos regulares sempre a Sé Apostolica as deu, a quem aprouve ao papa, sem contrariedade alguma, reservando e impondo pensões, e dando reservas e *accessi ad vacatura*, a seu prazer e liberalmente, e são de summa importância e valor.

«O priorado de S. João de Jerusalem é do infante D. Luiz, que o possui em commenda com derogação de todos os privilegios da ordem da religião de Rhodes, e sendo provido pela religião vale mais de 10\$000 ducados.

«A cidade de Braga no temporal e espiritual tem o mero e mixto imperio da igreja, e arcebispo de Braga com pactos jurados pelos reis de Castella antigos, para que o rei não seja juiz em nenhuma contenda, levantada contra o arcebispo e elle ácerca de jurisdicção, e sómente o seja em taes casos o arcebispo de Compostella, e a Santa Sé por appellação.

«O infante D. Henrique é arcebispo d'Evora e inquisidor mór de Portugal por acto de uma nomeação inquisitoria *in defectu* dos nomeados na bulla. Mas diz-se que tal faculdade não se estende a poder nomear quem não tiver a determinada idade pelos sagrados Canones, e sabe-se que elle não tem dispensa do papa, exercendo apezar d'isto o officio.

«O filho natural do rei chamado D. Duarte, é arcebispo de Braga, tem Santa Cruz de Coimbra, e muitas outras ricas e bellas abbas.

«O arcebispo de Lisboa é velho, nobre, e parente do rei, e seu capellão mór. É um prelado de boas qualidades, que indica ser bom ecclesiastico e tem bastante entrada com o rei. Parece conveniente que o nuncio lhe leve breves de N. S. com brandas palavras, misturadas porém d'auctoridade, e *in virtute obedientia*. E como é respeitossimo e tímido, fará quanto o nuncio determinar. Ainda é preciso tambem que se possa tirar pretexto e razão do que fizer e disser, porque póde ajudar muito, e essencialmente nas cousas que parecer proveitoso dizerem-se ao rei secretamente com advertencia paternal, e elle para isto é mui apto.

«O bispo de Coimbra é o bispo mais antigo talvez da christandade, e foi eleito no oitavo anno de Xisto. É homem muito bom, porém inteiramente fóra do giro da cõrte. Porém não falta ás cousas do papa e da consciencia, sendo-lhe recommendadas de modo, *que tema*.

«O Egitanense, que se chama da Guarda, é homem de não boa vida, e muito desobediente ás cousas de Roma, e além d'isto anda ausente da cõrte. Não importa este para nada, a não ser para o amoestar.

«O infante D. Henrique arcebispo d'Evora, e irmão do rei faz taes demonstrações de si, que ainda que não seja senão para se conformar com ellas, se vê obrigado a obedecer, queira ou não. Será util, dissimulando o seu máu animo nas cousas da Sé Apostolica, chama-o a ellas o mais possivel, unindo a brandura á aspereza. E não se lhe levando o officio de inquisidor, por convir ao menos forçal-o a tirar a dispensa da idade, absolver-se do peccado, e ratificar ou annullar os processos passados, que estão *nec ex dignitate sedis Apostolicae, nec Sanctissimi Domini Nostri*.

«O bispo do Porto é frade carmelita, pregador e confessor da rainha; não tem mui boas opiniões ácerca das cousas de Roma, e dil-o e prega-o. É de mais muito tímido, e reputado leviano, fallando com o rei e rainha a miudo. É essencial que o nuncio o não perca de vista, e sentindo ou percebendo cousa publica ou secreta que seja má, lhe falle com liberdade por ser homem que subitamente mudará para o que se quizer.

«O bispo de Lamego é religioso, homem muito simples, de poucas letras e de boa indole. O que se lhe recommendar, com tanto que entenda que é cousa de consciencia, póde-se ter por certo que o fará logo. É apto para inquisidor agora em alguma parte do reino.

«O rei e a seu exemplo a nobreza toda que o cerca dá grande credito aos frades; ou seja pela acti-

vidade e immensa ambição d'elles, ou pelo descuido dos prelados e sua negligencia, se apoderam do animo d'aquelle rei por via do pulpito e do confessorio. O que importa prover a este respeito dir-se-ha quando se tratar n'este capitulo do que póde e deve fazer o nuncio de Portugal. Por em quanto vão nomear-se as pessoas importantes para que as conheça.

«Na ordem de Santo Agostinho ha tres frades principaes; Fr. João Soares, confessor d'el-rei, homem de poucas letras, mas de extrema audacia, de infatigavel e immensa ambição, de pessimas opiniões, e abertamente inimigo da Sé Apostolica, que não faz profissão; e para dizer tudo n'uma palavra, herege no ultimo ponto. É conhecido do geral, que tentaria dizer-lhe a verdade, mas não póde fallar-lhe muito, porque saiu da religião por breve de N. S. e da Penitenciaria, e o seu mosteiro é o palacio. Todos o conhecem por hereje menos o rei, por cujo motivo, e porque o frade negoccia em tudo sob pretexto de confissão, ninguem o vigia ou conta; é de pessimos costumes e perigoso, e sempre que podesse ser apanhado em algum laço, ou retirado do lado do rei, se conseguiria grande victoria. E mesmo attrahil-o a nós por qualquer meio seria grande servigo a Deus e a N. S.

«Ha outros dous frades de Santo Agostinho, de reputação, que lá estão agora commissarios do geral, e confessam grande numero de pessoas, e occupam um logar grande ao lado do rei, e são os padres Villa-Franca e Montoza, ambos hespanhoes. Pregam sempre, e o Villa-Franca com grande concurso. O Montoza é reputado como homem de melhor vida, e com verdade, porém é governado pelo outro. O rei e grandes personagens ouvem-no muito.

(Continúa.)

DUAS PALAVRAS SOBRE HOSPITAES.

II.

OS PRIMEIROS christãos, antepoendo ao rico o pobre, ao forte o fraco, á prepotencia o direito, á gloria a humildade, e os celestes gosos do espirito aos grosseiros prazeres do mundo, seguiam e pregavam uma doutrina contraria á indole e organização da sociedade pagã. Materialisada pelos habitos, pelas ligações physicas e imperativas, mal podia ella comprehender e estimar a idealidade christã, os laços suaves e sympathicos, por que o Evangelho unia os homens e os povos na sujeição espontanea e gratissima d'um amor reciproco e universal.

A doutrina, que proclamava a unidade de Deus e a do genero humano, considerando-o como uma só familia com pae e destinos communs, foi nos seus primeiros tempos uma utopia accusada d'anarchica e subversiva; e teve de refugiar-se nas solidões dos bosques, ou nas fraguras dos montes. D'aqui, o monachato. Mas que tem o monachato com os hospitaes? me perguntará alguém. Póde não ter nada, mas eu penso que deve ter muito.

As solidões, para onde os perseguidos e os descontentes se refugiavam, deviam ser visitadas por grande numero de correligionarios, que não raras vezes chegariam extenuados de cansasso e privações, precisados de socorro e gazalhado. Correndo os tempos, e affluindo aos eremitérios muitos sectarios do christianismo, a população havia de crescer ali, ou nas

visinhanças infallivelmente. Era impossível então não empregar meios que produzissem uma existência e hospitalidade mais commoda.

Qualquer que fosse o systema que os gregos e romanos tivessem adoptado para soccorrer os proletarios e desgraçados, parece natural que emanaria do principio em que assentava a sua organização social, e que a centralisação politica, a acção do estado dispensaria a acção individual. A policia e a philantropia haviam de ter mais cuidado dos vadios e mendigos válidos, que pudessem attentar contra a propriedade e a segurança dos cidadãos, do que dos pobres desvalidos, das creanças e velhos sem amparo, que não pudessem servir o Estado.

Facilmente se comprehende quanto o divino preceito que manda a cada um amar o seu proximo como a si mesmo, alentado pela communhão de crenças e de infortunio, havia de concorrer para a abolição da formula politica e administrativa, que regia a sociedade.

Quando a idéa christã já tinha conquistado bastante numero d'intelligencias e corações, quando já havia alargado bastante a sua esphera d'acção, era impossível que não quizesse ir acabar nas cidades o que havia ensaiado nas furnas dos rochedos, ou entre as palmeiras do deserto. É raro que as cidades não preponderem sobre os campos; e tanto o entenderam assim os Apostolos, que elles procuravam ganhar para a fé, com preferencia, os grandes centros de população.

Assim apparecem logo S. Izidoro (d'Alexandria) S. João Chrisostomo, e outros, dirigindo hospitaes em cidades populosas.

Cumpre, porém, notar aqui uma cousa. Não obstante o que deixo ponderado relativamente á contração politica da sociedade pagã, e apesar da autoridade d'escriptores altamente reputados, os primeiros christãos não podiam ser, de todo, innovadores no que respeita a hospitaes e albergarias.

Pondo agora de parte o que a historia ou a tradição podia dizer-lhes sobre a fundação do hospital de S. João Baptista em Jerusalem, attribuida a Judas Machabeu, e bem assim sobre a fundação do hospital, que S. Bazilio edificára em Cesarea no anno 374, á imitação do que se diz que Moysés já havia feito nos arrabaldes da mesma cidade, é muito presumível e provavel, que os primeiros christãos vivessem das tradições litterarias e politicas de Roma e Athenas.

Nenhuma doutrina teve, jámais, poder bastante para apagar os vestigios dos systemas que a precederam. A acção das idéas e do tempo desmorona imperios, mas não pôde abolir absolutissimamente todas as suas leis e costumes. Por muitos seculos se devisa na nova ordem de cousas, praticas, ainda as mais absurdas e abusivas, da sociedade extincta. Os christãos dos primeiros seculos, calumniados e perseguidos tão encarnigadamente, não tinham tempo de sobejo, nem propoções para meditarem e crearem tudo.

Quando se vê que elles foram mendigar ao Grego palavras para significarem os differentes estabelecimentos de caridade, que iam fundando, chega-se a duvidar, se tambem iriam ali beber, além da expressão, a idéa. Eis-aqui as denominações dos mesmos estabelecimentos:

Bephotrophium. — Casa onde eram recolhidas e sustentadas as creancinhas de peito, não só expostas, mas quaesquer outras.

Gerontocomium. — Asylo dos velhos.

Nosocomium. — Hospital dos doentes.

Orphanotrophium. — Asylo dos orphãos.

Ptochotrophium. — Asylo geral para todos os pobres.

Xenodochium. — Hospedaria para os estrangeiros: propriamente hospital ou casa d'hospitalidade.

Ora, na Grecia effectivamente houve diversos institutos de philantropia, como o dos soldados invalidos, ou mutilados nas campanhas, que foi obra de Pisistrato. Se estes institutos não podiam servir de modelo, podiam ao menos suscitar a idéa de erigir outros melhores, e mais conformes ao seu fim humanitario.

Porque havemos de admirar, por exemplo, o costume que tinham muitos bispos e ecclesiasticos, de dar pousada aos peregrinos mandando lavar-lhes os pés, e não havemos de admirar esse mesmo costume entre alguns povos pagãos? Se S. Luiz faz uma boa obra mandando formar roes dos seus subditos miseraveis para lhes distribuir soccorros, porque se ha de dissimular que a fizeram tambem o senado e os imperadores romanos na distribuição dos cereaes aos proletarios?

As residencias dos bispos e os mosteiros foram de certo modo hospitaes, ou *casas d'hospitalidade*, que é isto o que na sua origem significava hospital. Mas tambem as hospedarias gratuitas da Grecia (*xenodochia*) o eram. Bergier, ou La Croix — não me lembra agora qual d'elles — fallando d'estas hospedarias com algum desfavor, diz que as pessoas de bem (*honnêtes gens*) não se aproveitavam d'ellas, porque iam hospedar-se em casa dos seus amigos, quando viajavam d'uma para outra cidade. Eram os ricos (que em toda a parte, e em todos os tempos se chamam *peessoas de bem*) que não acceitavam ao Estado um soccorro, de que não tinham precisão. Mas é n'esta mesma circumstancia que eu vejo uma razão de paridade com as albergarias christãs, aonde d'ordinario só os romeiros e caminhanes pobres se iam recolher.

As casas levantadas no Peloponeso em honra d'Esculapio, e servidas por certa classe de sacerdotes que exercitava a medicina, eram institutos semelhantes aos nossos hospitaes d'agora. Tenho esta persuasão, não obstante dizer-me o sr. *** que não ha nenhuma similhança, porque n'aquellas casas só se applicavam meios puramente hygienicos. Para mim é essa uma questão secundaria. Creio que posso prescindir de averiguar e discutir, se os *asclepiades* conheciam ou não a medicina clinica. O que importa saber é, se taes casas existiram, e se os doentes, atrahidos pela reputação dos padres, ou levados pela fé que punham nos oraculos, iam ali curar-se, e effectivamente se curavam sob a inspecção d'aquelles sacerdotes.

Não pertendo sustentar que ha identidade, mas similhança. Tambem não deve entender-se que comparo o christianismo com o gentilismo atheniense ou romano. Deus me livre de desconhecer a sublime, a divina espiritualidade d'um, e a grosseira materialidade do outro. Eu não podia equiparar a forga ao direito, a guerra á paz, nem fazer parallelo entre a luz e as trevas. Não julgo porém desairados os primeiros christãos por saberem dar nova fórma a instituções, que a rudeza dos tempos que os precederam não podia multiplicar nem aperfeiçoar.

O gentilismo podia ter fundado asylos e casas de hospitalidade, mas dar-lhes este caracter de permanencia e perpetuidade, que agora têm, só o christianismo o podia fazer e o fez.

(Continúa.)



INSTRUMENTOS DE MUSICA. — TROMBETAS DOS HEBREUS.

Os HEBREUS tomaram de certo dos Egypcios as trombetas, que representavam, de resto, um papel importante nas ceremonias religiosas d'esse povo formalista. A *Biblia* menciona em muitas passagens este instrumento. A origem das trombetas do templo que se conservavam como a arca, o candelabro de sete braços, etc. é referida na Escriptura pelo seguinte modo:

«Fallou mais o Senhor a Moysés, e lhe disse:

«Faze para ti duas trombetas de prata (*hatsot-roths*) batidas ao martelo, das quaes te possas servir para convocares todo o Povo, quando se houver de levantar o campo.

«Quando tu tiveres feito soar estas trombetas, todo o povo se ajuntará ao pé de ti, á entrada do Tabernaculo do concerto.

«Se tu não tocares senão uma vez, virão a ti os Principes, e os Chefes do Povo de Israel.

«Mas se o som fôr mais dilatado e mais conciso, os que estão para a banda do Oriente serão os primeiros, que descampem.

«Ao segundo toque da trombeta, semelhante ao primeiro, os que estão para o Meio-dia deitarão abaixo os seus pavilhões: e o mesmo farão os outros ao som das trombetas, que tocarão a partir.

«Mas quando fôr necessario sómente ajuntar o Povo, farão as trombetas um som mais miúdo e mais simples, e não aquelle som conciso.

«As trombetas tocar-as-lhão os Sacerdotes, filhos de Arão: e esta Lei será guardada para sempre pelos vossos vindouros.

«Se vós sairdes do vosso paiz para a guerra contra os inimigos que vos atacam, fareis com as trombetas um som que retumbe, e o Senhor vosso Deus se lembrará de vós, para vos livrar das mãos de vossos inimigos.

«Quando fizerdes algum banquete, e celebrardes os dias de festa e os primeiros dias do mez, tocareis estas trombetas, offerecendo os vossos holocaustos, e as vossas hostias pacificas, afim de que o vosso Deus se lembre de vós.»

Eis-aqui tambem como a *Biblia* narra a tomada de Jerichó.

«Mas no dia setimo os Sacerdotes tomem as sete trombetas, de que se usa no anno do Jubileo, e marchem adiante da Arca do concerto; e rodeareis sete vezes a cidade, e os Sacerdotes tocarão as trombetas.

«E quando as trombetas fizerem um somido mais largo, e penetrante, e este vos ferir os ouvidos, todo o Povo a uma voz dará um grande grito, e então

cairão os muros da cidade, até o fundamento, e cada um entrará por aquelle logar, que lhe ficar de frente." (*Biblia Sagrada*, Numeros, Cap. X. Josué, Cap. VI. Trad. do *Padre A. Pereira*.)

Contam os Gregos uma historia analogo de um combate entre os Spartanos e os messenienses; estes aterrados pelo som da trombeta, novo para elles, foram vencidos quasi sem combate.

Deve notar-se que as trombetas, a que se refere o ultimo logar da *Biblia* citado, não eram direitas como as *hatsotsroths*, que correspondem ás *tubae* dos Romanos; eram feitas dos cornos de carneiro ou boi, como mostra o seu nome hebreu, e o latino *cornua*, *buccinac*.

Não conhecemos monumento algum em que tenham sido representadas as trombetas curvas dos Judeus; mas possuímos dois transumptos authenticos das trombetas sagradas do templo. Depois da tomada de Jerusalem, Tito voltou triumphante a Roma. Ao uso romano, foram apresentados na solemnidade triumphal os despojos dos vencidos; entre estes despojos figuravam os dois *hatsotsroths* ordenados pelo Senhor a Moysés. O arco de Tito ainda existe em Roma, e nos baixos-relevos de que é ornamentado acha-se figurada a solemnidade triumphal cuja memoria este monumento devia perpetuar. A nossa gravura é cópia de um dos grupos d'esses baixos-relevos. Tres escravos laureados conduzem aos hombros uma especie de pádiola, no qual estão postos o altar das propiciações e as duas trombetas. Vê-se que são direitas e muito compridas, a boca não é mui larga, e não tem ornato algum. Um personagem vestido de toga, e com um ramo de loureiro na mão, caminha ao lado dos tres escravos. O segundo monumento em que apparecem as trombetas, é uma moeda de prata cunhada em Jerusalem, de que tambem damos gravura.

Esta moeda tem de um lado um cacho de uvas, e em hebraico *Schimcon*; é o nome de Simão Machabeo, grão-sacerdote, general em chefe e principe de Israel, da dynastia asmonea, que imperou desde o anno 144 até ao anno 135 antes de Jesus Christo. No reverso vêem-se as duas trombetas, semelhantes ás do arco de Tito, e lê-se igualmente em hebraico: *Laherout Jerouschalim*. (Libertação de Jerusalem).



Esta medalha não é contemporanea do valeroso Simão Machabeo, que restituiu a independencia a Israel, porque foi feita em um dinheiro de Trajano; mas o sr. C. Lenormant resolveu recentemente esta dificuldade, mostrando que os judeus, em reconhecimento dos grandes feitos de Simão Machabeo, perpetuaram em sua moeda o nome d'este heroe e a memoria da libertação de Jerusalem, em quanto conservaram a sua nacionalidade.

VIAGEM A PALESTINA POR MR. DE SAULCY.

Sarcophago de David. — Exploração do Mar-Morto.

DE todos os estudos historicos sobre a antiguidade sacra ou prophana, os mais notaveis e os mais fecundas são incontestavelmente os que resultam das ex-

plorações feitas pelos auctores nas proprias localidades. A maior parte dos sabios privilegiados preferem dilucidar tranquillamente no gabinete as arriscadas investigações dos mineiros da sciencia, ou examinar codices inintelligiveis, a írem passar incommodos e correr perigos para estudar per si mesmos os logares e os monumentos. Comtudo, ha honrosas excepções, entre as quaes cumpre contar Mr. de Saulcy, cuja viagem recentissima á Palestina tem merecido a attenção dos sabios, do clero, e das pessoas instruidas.

Ao dar os primeiros passos na terra santa, na cidade frequentada annualmente pelos piedosos peregrinos, fez Mr. de Saulcy importantes descobrimentos. Fallaremos só de um monumento grandemente interessante para a arte e para a sciencia, mais uma preciosidade que adquiriu o museu do Louvre. É um sarcophago extrahido dos sepulchros dos reis de Judá, que segundo as provas colligidas pelo sabio academico encerrou os despojos mortaes do santo rei David.

Proximo de Jerusalem, obra de 225 a 270 braças distante da porta de Damasco, á direita do caminho de Naplusa, divisa-se n'um sitio entre ruinas uma catacumba sepulchral, conhecida desde tempo immemorial pelo nome de *Kobour el Salathin*, *Kobour el Melouk*, ou jazigo dos reis: é aberta na rocha com admiravel arte; o aspecto singelo e grandioso appresenta as principaes linhas e algumas particularidades de monumentos gregos; o plano e distribuição assemelham-se aos hypogeus egypcios; mas o todo tem um caracter particular, que não é grego nem egypcio. É uma architectura hybrida que recorda as imitações de outros paizes, feitas por um povo que pereceu antes de haver chegado á idade viril, antes de ter desenvolvido toda a sua individualidade.

A fachada compõe-se de duas columnas, hoje partidas, e duas pilastras embutidas nas paredes lateraes da rocha: uma rica grinalda de folhagens, de fructas e de pinhas corre ao largo da architrave, e pende, em angulo recto, de cada lado da entrada. O entablamento apresenta tambem um largo friso, cujo centro é occupado por um cacho de uvas, emblema da terra da promissão, e typo das moedas asmodeas. A direita e esquerda d'este emblema estão collocadas symetricamente uma corôa, depois um florão de tres palmas e por ultimo triglyphos alternando com pateras repetidas tres vezes. Sobre este friso começa uma formosa cornija, formada de numerosas molduras, elegantes e variadas, elevando-se até a altura da rocha.

A porta d'entrada d'este hypogeu abre sobre um poço fundo, hoje cego, destinado n'outro tempo a vedar o accesso, e tragar o temerario que se atrevesse a prophanar este ultimo asylo dos reis de Judá. A boca era cerrada com uma porta maciça de pedra que se podia abrir exteriormente por meio de um mecanismo simples e engenhoso, mas que era impossivel mover da parte interior, como para indicar que só a morte devia habital-a. Esta porta dá para um vestibulo quadrado, artisticamente talhado, e com tres portas que dão entrada para outras tantas naves sepulchraes. A primeira contém seis tumulos abertos na rocha em figura de forno, vendo-se no fundo um pequeno reducto quadrado, para conter o sarcophago e provavelmente para guardar thesouros e objectos preciosos. Á direita uma abertura, occulta com ornatos, conduz por um corredor inclinado a uma camara sepulchral mais baixa que as demais, á qual, porém, parece subordinado todo o monumento: esta camara, praticada exactamente no eixo do hypogeu, occupa no mausoleu dos reis de Judá o logar honorifico, que parece ter sido reservado a David.

N'esta sala ha um sarcophago, cuja parte superior, de trabalho magnifico, foi trazida por Mr. de Sauley, que conseguiu apossar-se d'ella, ajudado de seus companheiros de viagem, Mr. Ed. Delessert e o abbade Michon, e depois de infinitas difficuldades logrou apresental-a no Louvre, onde ha pouco foi exposta ao exame dos curiosos.

A cobertura é dividida em cinco faxas longitudinaes, que representam parras, cachos d'uvas, romãs, folhas d'enzinho e bolotas, pinhas e grinaldas de oliveira. Todos os adornos emblematicos, de que é coberto o sarcophago, são tomados do reino vegetal, segundo a lei judaica, e são os mesmos que a *Biblia* menciona descrevendo a ornamentação do templo de Salomão.

A mencionada cobertura do sarcophago é dividida em duas partes, e ainda que lhe falta uma das extremidades a sua largura total é hoje de perto de nove palmos. A pedra é um calcareo mui duro, pelo que devia ser bastante difficil o labor do ornato. As palmas, flores, fructos, toda esta filagrana delicada foi feita a cinzel. É o unico monumento notavel da arte judaica que possui a Europa.

As outras camaras ou naves sepulchraes contém uma nove tumulos e a outra seis: da primeira d'essas camaras desce-se á sala inferior onde parece que estivera o corpo de Ezechias, filho e successor de Achas, que restabeleceu o verdadeiro Culto Divino e derrotou os philisteus. Todos os tumulos completos pertenceram aos réis de Judá, que segundo a *Biblia* foram sepultados n'este jazigo de familia. Cada tumulo por concluir corresponde a um rei que não foi depositado na sepultura de seus antepassados, uns porque levados em captivo a Babylonia ou ao Egypto por lá morreram, outros porque tiveram sepultura particular como Manasses e Amon: quanto á usurpadora Athalia de certo não foi depositada entre os principes da raça que pretendêra exterminar. Tal é o precioso monumento que Mr. Sauley fez conhecido. (Continúa.)

SILENCIO.

Tout dort.
V. Hugo.

Que noite sombria!
Que triste mudez!
De lenta agonia
Que sello profundo
Na face do mundo,
Minh'alma, não vês?

Um astro doirado
Não brilha no céu;
De negro toldado
O lucido imperio
Em crepe funereo
A terra envolveu!

Um som não se escuta,
Não se ouve um só ai;
De concava gruta
No fundo retiro
Perdido suspiro
Da brisa não sai.

As aguas não gemem
Correndo no chão;
As folhas não tremem
Nos troncos frondosos
Que mudos, chorosos
Immoveis estão.

Sem fremitos d'ira,
Sem queixas d'amor,
Apenas expira
Na riba fragosa
Da vaga espumosa
Confuso rumor.

Em paz dorme tudo,
Jaz tudo sem voz;
O pégo sanhudo,
A folha ligeira,
A brisa fagueira
E a lympha veloz!

Contente, e sem medo
Eu goso esta paz!
Ao que ama em segredo
Soffrendo isolado
O mundo calado
E quando lhe apraz!

Silencio! sublime
Linguagem de Deus!
Ella unica exprime
O immenso, o eterno,
As ancias do inferno,
E os gosos dos céus!

Silencio! eu bendigo,
Eu amo-lhe a paz,
Que é elle o amigo
O socio discreto
Do ultimo tecto
Que, ó terra, nos dá!

A. LIMA.

LENDAS HISTORICAS.

O DEMONIO DO LAGO.

I.

O Tumulo e o Berço.

POR meiado do mez de dezembro de 1542 fazia-se um grande tumulto no castello de Falkland, em Escocia. Achava-se ali reunida parte da nobreza, na expectativa de uma grande desgraça, e de uma boa nova. A desgraça ía consumir-se no proprio castello em que o rei Jaques V se tinha recolhido depois da derrota do seu exercito pelos inglezes, em Solway-Moos; a boa nova esperava-se do castello de Linlithgow, onde residia a rainha d'Escocia, Maria de Lorraine, filha de Claudio de Lorraine, primeiro duque de Guise.

Era esta para a Escocia uma quadra de tristeza e esperanza ao mesmo tempo. Acabava um reinado, annunciava-se outro. Em quanto o pobre Jaques V luctava com os phantasmas que o torturavam em sua agonia, a rainha, com grande sentimento de não poder acompanhar seu esposo muito amado, esperava, longe d'ellé, o primeiro vagido da creanga que devia substituir o seus dois filhos mortos no berço. Finalmente, a 8 de dezembro, um cavalleiro partiu a toda a brida do castello de Linlithgow para a residencia de Falkland, espalhando pelo caminho a feliz noticia do nascimento de uma menina, que devia ter o nome de sua mãe, Maria.

N'este dia mesmo entrara o rei Jaques n'um ardentissimo delirio. Esperou-se que lhe sobreviesse al-

gem momento lucido para o informar do acontecido; mas a razão parecia tê-lo abandonado para sempre.

A Escocia era então um paiz bem terrivel, cheio de ignorancia e de bruteza. Os fidalgos exerciam ali, quando lhes convinha, o mister de assassinos e de ladrões. O assassinato era a ultima razão politica. Jaques V, organização poetica e delicada, não nascera para este paiz sylvestre, e para esta epocha barbara; fôra-lhe muitas vezes necessario renunciar a suas illusões, aos seus passeios aventureiros, á sua vida de galanteiar. Catholico sincero, e justiceiro implacavel, sacrificando os interesses da sua dynastia aos principios da fé, combatêra rijamente o presbyterianismo de seu tio Henrique VIII. Mas em vão affogára os seus generosos instinctos; em vão appellára para a espada, para o cutelo, para a fogueira; abandonado, pela ambição dos nobres e pela indifferença do povo, duas vezes vencido por Henrique VIII, lamentando a vergonha das suas armas e a inutilidade dos seus rigores, consumido pelos remorsos, pela dôr e pela febre, não estava mesmo em estado de receber a consolação que a Providencia lhe enviava.

Com os olhos ardentes e encovados, os cabellos dispersos, os labios contraídos, as ventas dilatadas, as mãos estorcidas, Jaques luctava desesperado com as temerosas visões que lhe tumultuavam em torno do quarto.

Umavez affigurava-se-lhe que todas as victimas da sua intolerancia, escapando á fogueira, vinham arrojá-lhe á cama a lenha e as chammas do supplicio; e então o infeliz monarcha, bradava que havia fogo, queria saltar do leito, fugir, e dizia que o incendio lhe requemava os ossos. Se os criados e os gentis-homens se atreviam a aproximar-se e lhe pegavam dos braços para o segurar, o moribundo desmaiava de terror, tomando aquellas mãos officiosas por tenazes sanguentas. Espectros, que elle nomeava, vinham, ora escarneçê-lo, ora chamal-o. Um, dizia elle, tinha-lhe cortado os braços e as pernas, e jurava cortar-lhe a cabeça. Outro empuxava-o para um lago cujas aguas eram avermelhadas, e pertendia afogal-o. Era um espectáculo horrivel a agonia d'este magro rei, e aos menos sensiveis arrasavam-se os olhos de lagrimas de o vêr assim.

A 14 de dezembro, pela manhã, a paixão de Jaques V pareceu tocar o seu termo. Depois de um lethargo de algumas horas, o rei accordou, socegado, mui fraco, mas no uso pleno da razão. Sentou-se na cama, esguardou tudo em roda com aquelle olhar pasmado de homem que acaba de ter um pezadêlo, fez signal para que abrissem uma janella, aspirou longamente o vento do hynverno que agoutava as arvores nuas; depois descaiu a cabeça sobre o travesseiro, murmurando:

— Que terrivel somno me destes, meu Deus! E que tão triste accordar!

Cercaram todos então o leito real, e reconhecendo, no triste sorriso com que o monarcha saudava os cortesãos da morte, que elle estava mais tranquillo, um laird d'Escocia ajoelhou, travou-lhe da mão humida que o rei lhe apresentava, beijou-lh'a, e annunciou a Jaques V o nascimento de Maria, sua filha.

Esta nova, como rocio divinal, por um instante, apagou o fogo que consumia o infeliz Jaques. Cerrou os olhos, de goso celeste. O seu pobre coração tão entumecido, tão martyrisado, pulou-lhe n'um suspiro de alegria e de triumpho; o inferno desapareceu; abriu-se para elle o céu; o rei deu logar ao pae, e estas palavras: — uma filha! repelliram nas trévas os espectros horriveis que haviam velado junto do leito real. — Uma filha! murmurou o enfermo, e os olhos

arrasaram-se-lhe de doces lagrimas; depois recaiu n'um ineffavel extasis, e via-se, pelo mecher dos beijos, que a sua alma franqueára o espaço, voando para Linlithgow, e fluctuava reconciliada, por sobre o berço de sua filha. Pobre rei! pobre pae! E julgava-se feliz de pensar na debil creancinha que nascêra ao pé dos cadafalsos; é que o tumulto aberto dos seus dois filhos tornava a fechar-se; o horisonte tão triste, tão desencantado, tão negro illuminava-se, e de longe, e através dos nevoeiros, elle imaginava vêr uma loura cabeça de creança a sorrir-lhe! Representou-se-lhe, como em um relampago toda essa epocha indiscriptivel de alegrias, de affagos, de mimos, de folgares da infancia. Era balsamo de vida e de esperança que se lhe entornava no coração.

Ai! ás treguas foram breves, e a miragem desapareceu presto; a consciencia de uma morte proxima veio de novo affligir o rei. A testa cubriu-se-lhe de suores; vieram-lhe as convulsões; tornou-se a fechar a janella, e reanimou-se o fogão; mas o vento do tumulo não cessou mais de açoutar aquelle espectro real.

— Uma filha! repetiu Jaques; pobre creança! vaes tomar lucto por teu pae e pela Escocia!

Esta idéa evocou os esquecidos phantasmas, o rei tapou os olhos com as mãos, como para não vêr horriveis quadros, e disse:

« Os que não respeitaram o cardo real, que mancharam a corôa d'Escocia, e que profanaram esta corôa na minha frente, ham de arrancar-a da sua. »

Depois de ter proferido estas palavras propheticas, o moribundo virou-se no leito, e soltando um grande grito, expirou.

Os gentis-homens acercaram-se, um após outro, do leito funebre, deram um ultimo adeus á magestade morta, depois desceram silenciosos ao pateo do castello, montaram seus cavallos, e abalaram-se para o castello de Linlithgow. Iam saudar a sua rainha de seis dias, Maria Stuart.

A prophesia do rei parecêra preceder este sinistro cortejo, e, apesar da sua rudesza, os nobres comprehendiam que o tumulto aberto era muito vasto para uma só victima, e que a Escocia ia entrar n'uma larga e sanguinosa viuvez.

(Continúa.)

— Quanto dariam ás vezes os ricos e os felizes e poderosos para comprarem ou imporem essas affeições mysteriosas, que o escriptor pobre e desvalido vae despertar por uma acção invisivel no seio das multidões? A consciencia, que vos assegura que tendes isso em gráu mais ou menos subido, recompensa-vos dos vossos esforços intellectuaes. Vaidade ou orgulho legitimo, essa persuasão é um goso, e o goso é a causa final de todas as ambições, de todo o trabalho humano. São na verdade diversas as utilidades que provém da riqueza das que provém do engenho. Predominam n'aquellas os commodos materiaes, n'estas a satisfação interior; mas por isso mesmo, tanto n'umas como n'outras ha a homogeneidade, a harmonia entre os esforços e as recompensas.

A. HERCULANO. — *A Propriedade Litteraria.*

— A idéa moral da antiguidade era o amor da patria. Todos os prodigios das antigas republicas assentam n'esta base vigorosa, mas limitada.

A idéa moral dos tempos modernos, é o amor do genero humano. A benevolencia universal, que é o espirito do Evangelho, abrange a humanidade inteira.

AIMÉ-MARTIN.